
Grupo de trabalho 1 – Desenvolvimento Científico do Campo Secretarial
Tema 3: Redes de Cooperação Científica

REDES DE COLABORAÇÃO CIENTÍFICA NO SECRETARIADO: UMA ANÁLISE ENTRE OS PESQUISADORES DA ABPSEC

Carla Maria Schmidt

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), carlaschmidt959@gmail.com

Ivanete Daga Cielo

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), ivadcielo@hotmail.com

Fernanda Cristina Sanches-Canevesi

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), fernandacsanches@gmail.com

Rúbia Wanessa dos Reis Cruz

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), rubia.cruz@ufpe.br

Resumo: Os estudos de colaboração científica têm ganhado expressividade nas mais diferentes áreas do conhecimento, pois demonstram ser um importante componente para a sedimentação dos campos de pesquisa. Considerando a importância do fenômeno colaborativo para a área de Secretariado Executivo, esse trabalho objetivou: a) analisar a existência de uma rede de colaboração científica entre os pesquisadores associados à ABPSEC, no período de 2016 a 2020; b) compreender o comportamento e as características dessa rede, apresentando seus processos de organização, desenvolvimento e influência na comunidade científica de Secretariado Executivo no Brasil. Conduzida à luz da Teoria de Redes e Ações Coletivas, trata-se de uma pesquisa qualitativa e quantitativa, predominantemente exploratória, que utiliza do estudo de caso como método de coleta de dados e da cientometria como método de análise. O objeto de investigação foi constituído pela produção bibliográfica dos membros da ABPSEC, associados entre janeiro de 2020 a junho de 2021, considerando os trabalhos completos publicados em anais de eventos e os artigos publicados em periódicos nos últimos cinco anos (2016-2020). Após a análise final de 639 publicações, os resultados apontaram a existência de uma rede científica formada entre os membros da ABPSEC, com ênfase para os laços fortes e capitaneada por um núcleo de pesquisadores e instituições.

Palavras-chave: Redes de colaboração. Ciência. Secretariado Executivo.

1 INTRODUÇÃO

A exemplo do que ocorre nos segmentos econômico e social, a temática da cooperação tem se destacado também no âmbito acadêmico-científico. Cada vez mais, pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento se relacionam por meio de diferentes modalidades de atividades científicas (ROSSONI, 2006; MELLO; CRUBELLATE; ROSSONI, 2010; SCHMIDT; CIELO; SANCHES, 2012). Isso decorre, entre outros fatores, em função do dinamismo inerente à ciência, que faz com que o pesquisador adapte suas estratégias de trabalho para acompanhar as tendências e dinâmicas emergentes, atualmente mais globalizadas e interconectadas.

Na visão de Katz e Martin (1997), a colaboração entre pesquisadores possibilita o compartilhamento de uma variedade de recursos, experiências, ideias e outras trocas. Nesse sentido, também Vanz e Stumpf (2010) entendem que a colaboração científica permite trocas de recursos, principalmente de âmbito intelectual, sob a forma de instrumentos, técnicas, espaço

e credibilidade. De modo geral, entende-se que os pesquisadores vislumbram ganhos associados à essa dinâmica colaborativa. Dentre eles, pode-se citar o fortalecimento dos cursos de graduação e de pós-graduação, o aumento do número e da qualidade das pesquisas e o auxílio no sistema de concessão de bolsas de pesquisa (KATZ; MARTIN, 1997).

Contudo, a colaboração científica apresenta nuances e elementos não conhecidos, sendo vista como um sistema emergente (HILÁRIO; TOGNOLI; GRÁCIO, 2016). Vanz e Stumpf (2010) complementam que “para compreender a produção e o uso do conhecimento científico é preciso observar a maneira como os cientistas se comportam, se relacionam, se organizam e como transmitem informações entre si”. Também Kumar (2015) reafirma a necessidade de estudos dessa natureza, quando cita que compreender as colaborações de pesquisa a partir da lente das redes é uma área de investigação recente.

A partir desta problemática e considerando a temática central do VII Encontro Nacional Acadêmico de Secretariado Executivo (ENASEC) - “Redes de colaboração científica no secretariado”, este estudo apresenta a seguinte questão norteadora: qual o comportamento e as características da rede de colaboração científica existente entre os pesquisadores associados à Associação Brasileira de Pesquisa em Secretariado (ABPSEC)? Para tanto, o estudo apresenta dois objetivos: a) analisar a existência de uma rede de colaboração científica entre os pesquisadores associados à ABPSEC, no período de 2016 a 2020; b) compreender o comportamento e as características dessa rede, apresentando seus processos de organização, desenvolvimento e influência na comunidade científica de Secretariado Executivo no Brasil.

A ABPSEC foi escolhida como objeto de investigação por ser a única associação de pesquisa da área em âmbito nacional, congregando membros de todas as regiões do Brasil. Ademais, um dos objetivos da ABPSEC é “promover o intercâmbio e a cooperação entre cursos de graduação, programas de pós-graduação, professores, estudantes e demais pesquisadores da área” (ABPSEC, 2015).

Um estudo inicial desenvolvido sobre essa temática por Schmidt e Arenhardt (2017) demonstrou a necessidade de avanços de investigação nesse sentido. A continuidade de estudos é fundamental, pois as redes de colaboração estão em constante evolução e transformação (MARTINS; FERREIRA, 2013). Paralelamente, esses estudos se justificam por permitirem a compreensão das estruturas das comunidades científicas, apresentando seus processos de organização, desenvolvimento e influência. Hilário, Tognoli e Grácio (2016) ressaltam que a reflexão sobre a colaboração científica é importante para caracterizar o comportamento dinâmico de domínios científicos, ao passo que a compreensão de seus significados influencia na forma de agir dos pesquisadores e, conseqüentemente, são refletidas nos indicadores de ciência. Pelo exposto, entende-se que estudos dessa natureza são fundamentais para a área de Secretariado Executivo, na qual os pesquisadores se debruçam em torno de elementos que discutam e desenvolvam a institucionalização científica do campo.

O presente estudo está estruturado em cinco seções centrais. Além desta introdução, a segunda seção apresenta considerações acerca da cooperação científica e das redes de pesquisa. A terceira descreve a metodologia adotada. Na quarta apresentam-se os principais resultados encontrados. Por fim, a última seção tece as conclusões do estudo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 COOPERAÇÃO: ALGUNS ASPECTOS FUNDAMENTAIS

A temática da cooperação tem sido mais intensamente explorada na literatura desde o final da década de 1990, momento em que se tornou objeto de investigação em diferentes áreas

do conhecimento. Isto, pois a prática organizacional da cooperação entre indivíduos e organizações tem se tornado cada vez mais presente em diferentes contextos, a exemplo do mercadológico, do social e do acadêmico-científico.

A intensificação da prática cooperativa ocorre em função de vários fatores benéficos. Sachs (2003) menciona a sinergia resultante das competências essenciais e complementares dos atores envolvidos e o compartilhamento de benefícios e custos. Saes (2009) salienta que os recursos criados no sistema cooperativo possibilitam a criação de valor, como por exemplo, o desenvolvimento de conhecimento conjunto. Assim, os benefícios gerados por ações coletivas são inúmeros e podem ser de cunho econômico, social, psicológico, cultural e político (OLSON, 1999).

Dada a complexidade inerente ao processo de cooperação, vários aspectos são importantes para a criação e a manutenção da cooperação ao longo do tempo, dentre eles: tamanho do grupo (OLSON, 1999; OSTROM, 2007), heterogeneidade dos grupos (GRANOVETTER, 1973), presença de *free riders* (OLSON, 1999), comunicação face a face (OSTROM, 2007). Além dos citados, neste estudo serão abordados alguns que possuem interferência em relação a cooperação científica: confiança entre atores, benefícios, reciprocidade e interação.

O primeiro aspecto a ser considerado diz respeito a relação de confiança estabelecida entre os atores. De acordo com Axelrod (2010) a confiança é um dos pilares da cooperação e aspecto basilar à continuidade da relação e da colaboração mútua entre os agentes. O autor acrescenta que o princípio da confiança deve ser fomentado entre os agentes de forma consecutiva e está vinculado a aspectos como a complementariedade e interesse na preservação das relações para o futuro, propiciando relações mais duráveis e mais frequentes.

Outra forma de incrementar a cooperação, de acordo com Axelrod (2010), é aumentar os benefícios ou as recompensas para os envolvidos. A estabilidade de um sistema de cooperação está relacionada a um sistema de recompensas e benefícios recíprocos. Assim se os incentivos para a cooperação forem menores que os benefícios percebidos pelas partes, o comportamento cooperativo tende ao esgotamento e finalização das relações. Promover a cooperação significa, então, tornar as interações entre as partes vantajosas, mais frequentes, diluindo os benefícios e promovendo maior estabilidade e durabilidade da relação. Para tanto, o aspecto da reciprocidade também deve ser observado evitando sentimentos de individualismo ou de vantagem individual.

Müller e Strauhs (2018) acrescem o princípio da interação como uma das características e condicionantes para a atuação conjunta (em rede), isto é, para que sejam efetivas, deve-se manter relações interativas entre os participantes, de modo que dados, informações, conhecimentos e outros recursos possam ser compartilhados mutuamente.

Assim, concatenando os aspectos apresentados, entende-se que a cooperação, aqui apresentada com foco científico, apesar de apresentar significativa complexidade, objetiva tornar as interações entre as partes mais duráveis, mais frequentes, compartilhando benefícios, promovendo maior estabilidade e qualidade no produto final, aspectos fundamentais para o fomento da pesquisa nas diferentes áreas do campo científico.

2.2 A COOPERAÇÃO CIENTÍFICA E AS RELAÇÕES DE COAUTORIAS

Também no âmbito científico, a temática da cooperação tem sido estudada de forma mais intensa a partir dos anos 1990, por autores de distintas áreas do conhecimento, que vem apresentando resultados da interação entre indivíduos, grupos, instituições, países e áreas do conhecimento. Hilário e Grácio (2018), ao discorrer sobre a importância dos estudos de relações

28 A 30 DE OUTUBRO DE 2021

“REDES DE COLABORAÇÃO CIENTÍFICA NO SECRETARIADO: O QUE PODEMOS FAZER PARA A PROFISSÃO DO AMANHÃ?”

colaborativas, assumem que tais pesquisas são fundamentais para compreender as particularidades e o desenvolvimento de diferentes comunidades científicas.

Os estudos sobre colaboração na ciência tem sido cada vez mais frequentes devido à sua importância (SONNENWALD, 2008), pois possuem potencial para resolver complexos problemas de ordem científica, além de promover agendas de cunho econômico, social e integração cultural. Segundo Katz e Martin (1997), entende-se por colaboração científica, o processo de interação entre indivíduos envolvidos em pesquisa, a fim de produzir um novo conhecimento. Estes indivíduos se comunicam, trocando informações, experiências e formando redes de colaboração e trabalhos em coautoria (HILÁRIO; TOGNOLI; GRÁCIO, 2016).

A importância dessa colaboração é destacada por Vanz e Stumpf (2010), ao afirmarem que o desenvolvimento da ciência e de uma comunidade científica depende, em parte, justamente da interação entre os atores que a compõem. Assim, é salutar que as comunidades científicas atuem de forma colaborativa. Algumas áreas organizam projetos de cooperação formais, enquanto outras atuam de maneira mais informal, em formato de colégios invisíveis (comunidades informais de pesquisadores). Em ambas, as relações buscam fomentar ações de colaboração.

De modo geral, a colaboração científica engloba possibilidades como revisão por pares, prêmios, colégios invisíveis, políticas de ciência nacionais e internacionais (SONNENWALD, 2008). Já Schmidt (2019) destacou que no meio científico, a cooperação pode ocorrer a partir de diferentes formas, entre elas, coautorias em trabalhos, parcerias em projetos de pesquisa, intercâmbios, apresentação de trabalhos, palestras, orientações, bancas, concessão de bolsas e estágios, participação e realização de eventos em conjunto. Vale ressaltar que para Sonnenwald (2008), a colaboração científica compreende não apenas a interação para a realização dos trabalhos, como também, o compartilhamento sobre o entendimento e o significado deste, sendo parte então, além da produção do conhecimento, do contexto social da ciência.

Em relação às motivações para cooperar, a partir de rigorosa sistematização da literatura nacional e internacional, Vanz e Stumpf (2010), propuseram uma lista de motivos para a colaboração científica e dentre eles tem destaque: o aumento da produtividade e maior visibilidade do pesquisador; redução do tempo dispendido para a realização das pesquisas; maior facilidade em obtenção de financiamentos; potencialização da colaboração, troca de experiências entre os pesquisadores e motivação para pesquisar; bem como, maior possibilidade de resolução de problemas de pesquisa e incrementos na profissionalização da ciência. Assim, evidencia-se que os benefícios da cooperação científica são inúmeros e significativos, tanto para a equipe de pesquisadores envolvidos, como suas instituições, grupos, transcendendo inclusive para as áreas do conhecimento como um todo.

A colaboração científica envolve então a troca de capital material ou intelectual, sob a forma de instrumentos, técnica, espaço e credibilidade, sendo que o nome dos parceiros de um cientista é elemento considerado muito importante (VANZ; STUMPF, 2010). Já Menard (2004), chamou a atenção para a escolha do parceiro dentro da cooperação. Para ele, a identidade dos parceiros é importante, devendo atentar-se para promover cooperação com membros que gerem recursos complementares ou até efeitos multiplicadores do trabalho desenvolvido. Esses indivíduos parceiros geralmente atuam em sistema de coautorias. Inclusive, por vezes, os dois termos (colaboração científica e coautoria) são utilizados como sinônimos.

De acordo com Lima, Velho e Faria (2007), nem toda a colaboração resulta em artigo publicado, sendo que a negociação entre os pesquisadores pode variar de uma área para outra, e de acordo com o contexto histórico e social dos pesquisadores. Contudo, a relação de coautoria

tem sido utilizada com sucesso por pesquisadores de diferentes áreas para investigar a colaboração entre pessoas, instituições e países. Isto, pois essa técnica apresenta algumas vantagens como a verificação dos dados por outros interessados, uma vez que eles estão disponíveis publicamente e a permissão de investigações a partir de grandes amostras, possibilitando resultados mais significativos do que estudos de caso. Além disso, importante destacar que o contato direto entre duas ou mais pessoas é a unidade fundamental da colaboração (VANZ; STUMPF, 2010).

Autores como Silva *et al.* (2006) e Hilário, Tognoli e Grácio (2016) discorrem sobre a importância do olhar de redes colaborativas sob a perspectiva de coautorias, mencionando que nas redes formadas por pesquisadores sobressaem-se as de coautoria, nas quais as conexões ocorrem quando partilham a autoria de um artigo científico. As redes e suas possibilidades são fontes estratégicas de desenvolvimento de comunidades científicas, sendo fundamentais para as diferentes áreas do conhecimento.

Por fim, para Vanz e Stump (2010) é importante destacar que apesar de na ciência, as principais razões para atuar em pesquisas colaborativas sejam de cunho estratégico, a motivação pessoal também é fator preponderante. Isto, pois a elaboração de uma pesquisa científica requer afinidade entre os indivíduos, associada a outros elementos como simpatia, admiração, e compatibilidade de identidades ou ideias. Tais relações são fundamentais para todos os campos, em especiais naqueles que se almeja maior desenvolvimento e especialização científica, como no Secretariado Executivo.

2.3 REDES DE PESQUISA E SECRETARIADO EXECUTIVO: ESTUDOS ANTERIORES

Conforme Sebastián (1999, p. 309) “as redes de pesquisa são uma modalidade de redes de cooperação e se constituem pela associação de grupos de pesquisa para a realização de atividades conjuntas”. Para o autor, essas redes permitem múltiplas interações e são particularmente importantes para abordar objetivos científicos que exigem a complementaridade de diferentes capacidades e a participação de atores heterogêneos.

Estudo seminal sobre redes foi desenvolvido pelo sociólogo Granovetter (1973), no qual o autor apresenta a existência dessas formas organizacionais entre indivíduos ou organizações. Para ele, as redes podem ser compostas por laços de dois tipos: fortes e fracos. Sem desmerecer a importância dos laços fortes, Granovetter (1973) discorre sobre a força e o potencial existente nos laços fracos (possíveis de serem desenvolvidos entre conhecidos, contatos, colegas mais distantes). Para o autor, os laços fracos são muito importantes, visto que proporcionam uma espécie de ponte, na qual os indivíduos por meio de diferentes grupos formam uma rede social. Contudo, entende que em determinadas situações os laços fortes são também eficientes, pois eles têm maior motivação para exercer função assistencialista e normalmente estão facilmente disponíveis.

Dentro da temática de redes, destaca-se também o estudo de Sacomano Neto e Truzzi (2004) sobre a importância da centralidade e densidade nas redes. Para os autores, quanto mais central for o ator na rede, mais importante ele é no contexto coletivo, pois apresenta maior acesso a recursos e informações. Em relação a densidade, as redes podem ser densas ou difusas, sendo que quanto mais densa, mais atores estarão ligados uns aos outros dentro da rede. Gnyawali e Madhavan (2001) destacam que as redes densas facilitam o fluxo de informação e recursos e funcionam com confiança entre os atores. Já as redes difusas se originam quando o grau de interconexão é frágil. Essas propriedades também aumentam a complexidade inerente às estruturas de redes.

Na área de Secretariado Executivo, embora ainda incipiente, essa discussão de redes de cooperação vem ganhando espaço, acompanhado a lógica da expansão das colaborações científicas nas diferentes áreas do conhecimento. Em estudos da área, os autores dedicaram-se a olhar mais atentamente na tentativa de identificar a evolução da pesquisa, a formação de redes e a colaboração científica do Secretariado no Brasil, bem como avaliar o papel das coautorias na determinação das interações entre os pesquisadores brasileiros. O resultado de alguns desses estudos é apresentado a seguir.

Um dos estudos pioneiros sobre a temática na área de secretariado foi desenvolvido por Schmidt, Cielo e Sanches (2011). Nesse estudo, as autoras objetivaram mapear a existência de redes de pesquisadores nos cursos de Secretariado Executivo da região do Sul do Brasil. Em 2016, outro estudo sobre a temática foi desenvolvido por Sanches *et al.* (2016), que objetivou analisar de que forma havia se desenvolvido a cooperação científica internacional dos membros integrantes dos grupos de pesquisa em Secretariado Executivo no Brasil.

Também Carvalho e Silva (2017) se propuseram a analisar os grupos de pesquisa em Secretariado Executivo e a sua importância para a possibilidade de construção de uma teoria própria, buscando compreender a rede social formada pelos pesquisadores da área. Outro estudo sobre a temática foi desenvolvido por Schmidt (2019). Nesse, a autora estabeleceu como objetivo central compreender as características e a extensão da rede de pesquisa desenvolvida pelos pesquisadores do Grupo de Pesquisa em Secretariado Executivo Bilíngue (GPSEB) da Unioeste em relação a outros pesquisadores e a distintas instituições, a partir da análise dos trabalhos publicados pelos pesquisadores do GPSEB em livros, capítulos de livros, artigos em periódicos e artigos completos publicados em anais de eventos, no período de 2013 a 2017.

Recentemente, Cruz e Correia (2021) apresentaram estudo que, dentre outros aspectos, destacou um panorama da colaboração científica entre os pesquisadores (docentes efetivos e com titulação de doutorado) vinculados aos cursos de Secretariado Executivo, ofertados por instituições públicas de ensino superior do país.

Para além dos estudos mencionados, cabe destacar que outros autores também se dedicaram a estudar a temática no campo secretarial, a exemplo de Schmidt e Arenhardt (2017) em estudo inicial sobre redes na ABPSEC; Schmidt *et al.* (2018) no artigo intitulado “Produção Científica do Grupo de Pesquisa em Secretariado Executivo Bilíngue Rumo ao Stricto Sensu: *mutatis mutandis*”; Dias *et al.* (2018) no estudo: características, contribuições e desafios dos grupos de pesquisa em secretariado: uma análise a partir da percepção dos líderes”. Igualmente a temática foi objeto de discussão de capítulos da obra “O conhecimento científico em Secretariado: reflexões sobre a produção acadêmica da área secretarial” organizado por Antunes e Nascimento (2017). Outro estudo que aponta para a importância das cooperações e colaborações científicas foi desenvolvido por Martins *et al.* (2017), intitulado “A busca da cientificidade do secretariado no contexto brasileiro: Aspectos históricos e contemporâneos”. Ainda, outros autores da área secretarial dedicaram-se ao estudo das redes de forma ampla ou em outros campos do saber, a exemplo de Müller e Strauhs (2019), além de inúmeros artigos que versam sobre a temática nas mais distintas áreas do conhecimento.

Tais achados denotam a importância da temática para o desenvolvimento científico das áreas, bem como, apontam para o fato de que as pesquisas em redes, dada a condição de soma de esforço dos pesquisadores, propicia uma análise mais completa, o que pode ser uma opção benéfica para auxiliar os grupos no alcance de metas e crescimento científico.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Por meio de abordagens qualitativa e quantitativa, a presente pesquisa foi realizada com objetivos predominantemente exploratórios, que transita por fases descritivas e analíticas, ao considerar a exploração do potencial informativo das representações apresentadas. Quanto ao método de coleta de dados, trata-se de um estudo de caso, orientado pela cientometria como método de análise, visto que esta considera tanto os produtos quanto os produtores de conhecimento, bem como as relações sociais entre eles, registradas nos documentos científicos (PRICE, 1969). A partir da cientometria foram construídos indicadores de produção e de colaboração (SANTOS; KOBASHI, 2005; MARICATO; NORONHA 2012), como aspectos centrais, este último analisado à luz das teorias das redes e dos estudos de colaboração científica.

O objeto de análise foi constituído pela produção bibliográfica de todas as categorias membros da ABPSEC, considerando os membros associados durante o ano de 2020 e até o mês de junho de 2021, período em que foi feita a coleta de dados. Para tanto, duas tipologias de produção bibliográfica foram consideradas: trabalhos completos publicados em anais de eventos e artigos de periódicos, ambos publicados durante os últimos 5 anos (2016-2020).

A escolha desses tipos de produção é justificada pela importância que ambas têm demonstrado no processo de construção da cientificidade do Secretariado Executivo no Brasil, sendo os dois principais meios de escoamento e comunicação da produção científica utilizada pelos pesquisadores da área, conforme revelou um estudo publicado por Cruz e Correia (2021). Nessa perspectiva, ressalta-se que é essencialmente esse processo compartilhamento de resultados de pesquisa que atribui a qualidade de científico a um Campo (FERREIRA; MARCHIORI; CRISTOFOLI, 2010) e, ainda, de acordo com Kenller (1980), é por meio dele que se percebe importantes resultados de ações de colaboração, como o estabelecimento dos objetivos do Campo, a manutenção dos padrões de pesquisa, a harmonização dos interesses e o incentivo à inovação.

O processo de construção da pesquisa foi composto inicialmente, a partir de uma relação de associados concedida pela ABPSEC, na qual foram identificados 72 membros. Os currículos destes foram localizados na plataforma Lattes e posteriormente utilizou-se o software LucyLattes para extrair automaticamente os dados: formação acadêmica; instituição de vínculo; artigos publicados em periódicos. As informações referentes aos trabalhos completos publicados em anais de eventos foram coletados manualmente.

Tais dados foram organizados em planilhas do Excel, de acordo com o nome completo, categoria do registro de associado (fundador, efetivo ou estudante), formação acadêmica (graduandos, graduados, especialistas, mestres, doutores e doutores com Estágio Pós-Doutoral), instituição de vínculo e estado de residência. Também foram organizados os dados referentes à produção bibliográfica. Analisou-se um total de 882 registros, sendo 454 artigos de periódicos e 428 trabalhos completos de anais de eventos. Após a supressão dos trabalhos replicados em função das relações de coautoria entre membros da associação, 639 trabalhos estabeleceram o corpus final da análise, sendo 329 artigos publicados em periódicos e 310 trabalhos completos de anais de eventos.

Após mineração manual no Excel, foram geradas as seguintes representações: i) informações de perfil: distribuição de associados por formação acadêmica e por estados no Excel e distribuição dos associados por estados do Brasil, no Power Point; ii) indicadores de produção: comportamento temporal das publicações, ranking de produtividade, quantidade de trabalhos publicados, ranking de periódicos e eventos científicos de maior ocorrência, utilizando-se dos recursos do Excel; iii) indicadores de colaboração: relação entre o número de trabalhos publicados e o número de trabalhos publicados em colaboração entre associados;

distribuição de trabalhos por número de coautores (membros da ABPSEC), ambos fazendo uso do Excel; grafo de redes de colaboração entre associados, entre instituições e entre Estados do Brasil, gerados pelo Software *Origin* versão 2021b.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

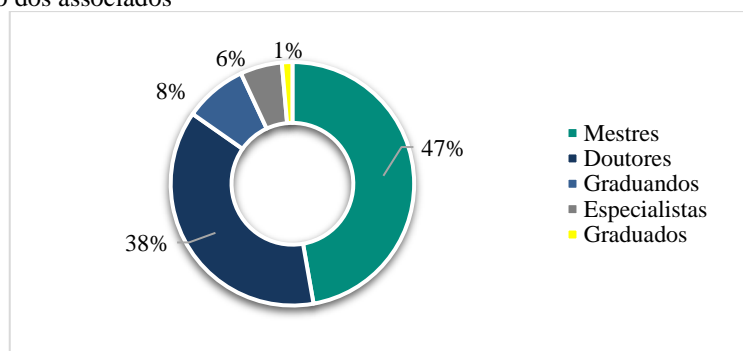
4.1 ANÁLISE DO PERFIL DOS ASSOCIADOS E DE SUAS PRODUÇÕES

A ABPSEC, constituída formalmente em 2013, é uma associação de direito privado, sem fins lucrativos ou econômicos, cuja finalidade é o desenvolvimento da pesquisa científica na área de Secretariado (ABPSEC, 2015). Nesse sentido, discutem-se aqui aspectos relativos às atuais pesquisas desenvolvidas pelos membros associados.

Ao total, 72 membros constam como associados no período investigado, sendo estes distribuídos entre 03 categorias: 52 efetivos; 11 fundadores; 09 estudantes. É esperado que a maior concentração esteja entre os efetivos, contudo, a baixa participação de estudantes no período conduz a reflexões. Considera-se importante que os associados efetivos e fundadores estimulem a participação de alunos, tanto de graduação como de pós-graduação, uma vez que há necessidade de se criar uma cultura coletiva de pesquisa na área e esta deve ser instigada e estimulada em todos os âmbitos e níveis da academia.

No que tange a titulação (Gráfico 1), identificou-se que a maioria (47%) é atualmente formada por mestres, seguida pelos doutores (38%). Outra informação relevante é a de que entre os doutores, há 04 que já possuem conclusão de estágio pós-doutoral.

Gráfico 1 – Titulação dos associados



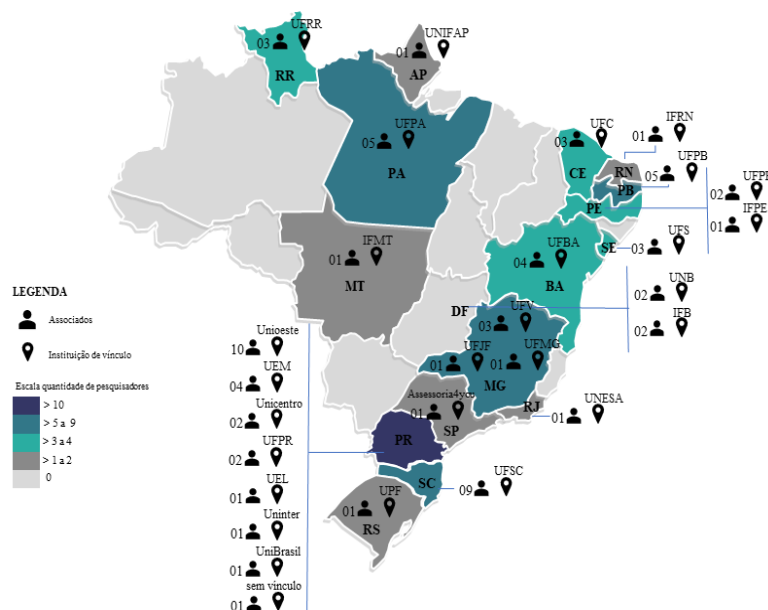
Fonte: elaborado pelas autoras com dados da pesquisa (2021).

Nesse quesito, pode-se afirmar que conquistas vêm sendo experimentadas na área, pois a realidade dos doutoramentos no Secretariado Executivo é recente e, sobretudo, fundamental para o desenvolvimento da ciência em qualquer área do conhecimento. Maçaneiro (2011) já entendia a formação de pesquisadores em grau de doutorado como um dos principais antecedentes para o estabelecimento científico do campo, a partir de pesquisas sólidas e direcionadas. Também Cruz e Correia (2021) reconhecem os doutores como produtores de conhecimento sólido e metodologicamente certificado.

Buscou-se também compreender em quais instituições, estados e regiões a ABPSEC possui representação atualmente. Assim, na Figura 1 apresenta-se a distribuição dos associados por Estado da Federação e por instituição de vínculo.

28 A 30 DE OUTUBRO DE 2021
“REDES DE COLABORAÇÃO CIENTÍFICA NO SECRETARIADO: O QUE PODEMOS FAZER
PARA A PROFISSÃO DO AMANHÃ?”

Figura 1 – Distribuição de associados à ABPSEC por estado



Fonte: elaborado pelas autoras com dados da pesquisa (2021).

O Estado do Paraná concentra o maior número (22) de membros associados à ABPSEC, o que pode ser relacionado com o fato de o Estado concentrar o maior número de Instituições (7) em que há associados, seguido do Estado de Santa Catarina, que conta com 9 associados. De modo geral, os associados estão concentrados na Região Sul do país, a qual totaliza 44,4% do total de representantes. Também a Região Nordeste possui uma representatividade significativa, com a participação de 19 associados, o que representa 26,3% do total de membros. Ademais, a Figura 1 demonstra as instituições nas quais há maior incidência de associados. Ao total, no período investigado, 26 instituições possuem representantes na ABPSEC. Destacam-se a Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) com 10 associados e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com 9 associados. Juntas, elas concentram 26,3% do total de membros da ABPSEC.

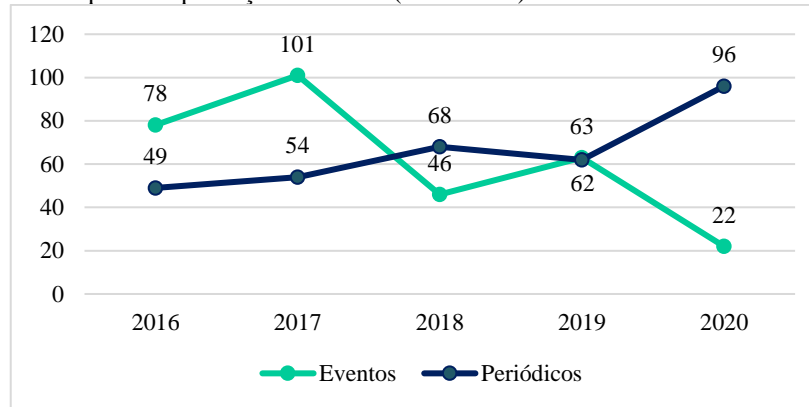
Considerando a importância das ações coletivas, aqui representadas pela ABPSEC, em diferentes contextos, a exemplo do mercadológico, social e acadêmico-científico, seria salutar ampliar o número de associados, bem como o número de instituições, com o intuito de atingir estados e regiões ainda não representadas, de modo a dinamizar a força coletiva da área científica secretarial por todo o país. Sobre os benefícios alcançados por meio da coletividade, Sachs (2003) menciona a sinergia resultante das competências essenciais e complementares dos atores envolvidos e o compartilhamento de benefícios e custos. As ações coletivas também geram ganhos de cunho econômico, social, psicológico, cultural e político (OLSON, 1999).

Outrossim, entende-se que os associados à ABPSEC contribuem de forma significativa para o desenvolvimento de pesquisas na área - independente se em conjunto ou não - de modo que quanto mais membros estiverem engajados, maior a possibilidade de desenvolvimento científico da área. A força existente em relação ao grupo de tamanho maior para situações de representatividade foi assinalada por Ostrom (2007), em seu estudo sobre Ação Coletiva e Desenvolvimento, laureado como Prêmio Nobel na área de Economia.

Dando continuidade aos resultados, apresentam-se alguns indicadores e elementos relacionados aos estudos desenvolvidos pelos associados da ABPSEC no período em análise, conforme Gráfico 1. Num primeiro momento, os dados permitiram identificar que o grupo

produziu um total de 639 trabalhos no período, sendo estes divididos de forma equilibrada entre os dois veículos de publicação aqui analisados (329 periódicos e 310 eventos).

Gráfico 1 - Dinâmica temporal da produção científica (2016-2020)



Fonte: elaborado pelas autoras com dados da pesquisa (2021).

O equilíbrio existente na quantidade total dos dois veículos de publicação demonstra um avanço no caminhar científico da área. Isto, pois em estudos anteriores na área de Secretariado, a exemplo de Schmidt *et al.* (2018) e Cruz e Correia (2021), as autoras encontraram maior disparidade entre os percentuais, de modo que a publicação em periódicos se apresentava como um desafio para os pesquisadores da área. Essa reflexão se faz, por conta, da importância que os periódicos possuem frente as avaliações dos órgãos de fomento brasileiros, bem como, demais instituições no Brasil e no mundo. Cruz e Correia (2021) afirmam que a comunicação feita por meio dos periódicos científicos é vista como protagonista, principalmente frente à necessidade do estabelecimento da Pós-Graduação pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que pontua com maior peso esses veículos nos processos de avaliação dos programas.

Além disso, chama a atenção o ano de 2020. Neste, houve em especial, um aumento de publicações em periódicos, demonstrando uma tendência de esforço dos pesquisadores por esse veículo. Por outro lado, nesse mesmo ano observa-se uma significativa diminuição na publicação de trabalhos em eventos, possivelmente decorrente do processo de pandemia, na qual muitos eventos foram cancelados ou desenvolvidos em formato *online* e, por vezes, sem chamada para submissão de trabalhos científicos.

Os dados também permitiram a identificação dos periódicos e eventos nos quais os pesquisadores publicaram ao longo dos últimos cinco anos. Ao total, os 639 estudos foram publicados em 161 periódicos e 83 eventos diferentes. Nesse sentido, pode-se inferir que, se por um lado esse resultado demonstra dispersão da produção, por outro, demonstra que os pesquisadores de Secretariado Executivo possuem aceitação e abertura em diversas áreas, demonstrando capacidade de diálogo com diferentes campos do conhecimento. Essa interação é considerada fundamental do ponto de vista da formação de redes interdisciplinares, conforme apontado na teoria.

A Tabela 1 apresenta uma listagem com o *ranking* dos periódicos e eventos mais recorrentes, isto é, em que houve maior ocorrência de publicações no período. Trata-se da última análise referente, especificamente, ao perfil da produção.

28 A 30 DE OUTUBRO DE 2021

“REDES DE COLABORAÇÃO CIENTÍFICA NO SECRETARIADO: O QUE PODEMOS FAZER PARA A PROFISSÃO DO AMANHÃ?”

Tabela 1 – Ranking dos periódicos e eventos com maior ocorrência (2016-2020)

Eventos	Prod.	%	Periódicos	Prod.	%
Encontro Nacional dos Estudantes de Secretariado - ENESEC	57	18,4	Revista Expectativa	31	9,4
Encontro Nacional Acadêmico de Secretariado - ENASEC	43	13,9	Revista de Gestão e Secretariado	24	7,3
Congresso da SOBER	19	6,1	Connection Scientific Journal	17	5,2
Encontro da ANPAD - EnANPAD	16	5,2	Secretariado Executivo em Revista	17	5,2
Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD - EnEO	13	4,2	Capital Científico	11	3,3
Congresso Internacional de Secretariado - COINS	13	4,2	Revista de Ciências Humanas UFV	6	1,8
Seminários em Administração - SemeAD	12	3,9	Revista Visão: Gestão Organizacional	6	1,8
Congresso Internacional de Desempenho do Setor Público	10	3,2	Brazilian Journal of Development	5	1,5
Congresso Nacional de Secretariado - CONSEC	9	2,9	Revista Internacional de Educação Superior	5	1,5
Outros	118	38,1	Outros	207	62,9
Total	310	100	Total	329	100

Fonte: elaborado pelas autoras com dados da pesquisa (2021).

A primeira análise permite inferir que os 10 periódicos e eventos apresentados na Tabela 1 representam o núcleo das ocorrências, concentrando 62% (192) das publicações em eventos e 37% (122) das publicações em periódicos. Além disso, é possível inferir que apesar de haver interação e diálogo com diferentes áreas, o destaque ocorre justamente para os veículos especializados. Ao analisar somente os mencionados na Tabela 1, percebe-se que 30,4% dos periódicos e 39,4% dos eventos mais recorrentes são diretamente vinculados ao Secretariado, demonstrando que os pesquisadores investigados estão desenvolvendo uma tendência de especialização da produção neste campo.

Outrossim, esse resultado conduz ao entendimento de que os pesquisadores vinculados à ABPSEC lutam pela consolidação da cientificidade na área, apoiando os veículos de publicação específicos de Secretariado, mesmo que estes ainda não apresentem estratos tão atrativos em termos de classificação no estrato Qualis/CAPES. Desta forma, acredita-se que quanto melhor for o ranqueamento dos periódicos, maior será também o número de pesquisadores que contribuirá com o envio de seus estudos para estes veículos, fato que poderá implicar positivamente com a cientificidade da área secretarial.

4.2 ANÁLISE DA PRODUÇÃO EM COUTORIA E FORMAÇÃO DE REDES

Considerando que um dos objetivos a que a ABPSEC se propõe diz respeito a promoção de intercâmbio e cooperação entre professores, estudantes e demais pesquisadores da área, buscou-se aqui compreender o atual cenário da cooperação existente entre os membros da ABPSEC, à luz das Teorias de Redes e de Ação Coletiva. Nesse sentido, apresentam-se aqui aspectos relativos a características da rede de pesquisa desenvolvida entre os membros associados à ABPSEC no período em análise.

Após análise individual nos 639 trabalhos produzidos, foi possível captar informações relativas ao comportamento e a identidade dos autores, demonstrando resultados sobre as características coletivas das produções científicas desenvolvidas pelo grupo em análise. A primeira análise diz respeito ao número de trabalhos publicados em formação de coautorias entre membros da ABPSEC (Tabela 2).

Tabela 2 – Números de trabalhos publicados com colaboração (2016 – 2020)

Categoria de Produção	Total de trab. publicados	Publ. em colab. entre membros da ABPSEC	Publ. em colab. (%)
Trabalhos completos publicados em eventos	310	85	27,4
Artigos publicados em periódicos	329	89	27,0
Total	639	174	27,2

Fonte: elaborado pelas autoras com dados da pesquisa (2021).

A Tabela 2 demonstra a existência de trabalhos desenvolvidos em conjunto entre os pesquisadores da ABPSEC, a partir de coautorias. Trata-se de um quantitativo expressivo, pois 27,2% do total produzido no período apresenta coautoria entre membros associados, apontando para uma tendência de estudos cooperativos em formato de redes.

Essa prática é importante para o grupo, para a associação em análise e para toda a área secretarial, pois conforme exaustivamente apontado na literatura, redes de cooperação tem se apresentado como estratégias de fortalecimento científico. Ademais, trata-se de uma tendência da ciência cada vez mais dinâmica e conectada, de modo que pesquisas desenvolvidas por um único pesquisador são cada vez mais escassas (DORNER *et al.*, 2016).

Outra análise realizada diz respeito a relação “produtividade x colaboração”, isto é, buscou-se compreender se existe alguma relação entre o número de trabalhos produzidos e o número de trabalhos em colaboração. A intenção é analisar se a colaboração implica, entre outros fatores, também no quantitativo produzido. Cabe destacar que para essa análise, as pesquisas realizadas em conjunto pontuaram para cada pesquisador envolvido, tanto como autor ou coautor. Trata-se da análise completa e artificialmente aumentada (URBZAGASTEGUI, 2002), em que o crédito de um mesmo trabalho é atribuído a mais de um autor.

Para fins de visualização e representatividade, desenvolveu-se uma listagem que apresenta o *ranking* dos 10 associados com o maior número de produções no período (Tabela 3). A análise foi desenvolvida com base nesses pesquisadores, que podem ser considerados o núcleo produtivo do grupo, uma vez que estes 10 membros produziram, juntos, 55,5% do total da produção dos 72 associados.

Tabela 3 - Relação entre cooperação e produtividade dos pesquisadores (2016 - 2020)

Pesquisador	Prod. Total	Produção em colaboração (Qt)	%
MARTINS, C. B.	79	50	63,3
MOREIRA, K. D.	65	56	86,2
SANTOS, A. M.	62	0	0,0
SCHMIDT, C. M.	60	27	45,0
LEAL, F. G.	53	7	13,2
SANCHES-CANEVESI, F. C.	48	37	77,1
CIELO, I. D.	35	30	85,7
WENNINGKAMP, K. R.	34	19	55,9
RODRIGUES, L. M. A.	29	24	82,8
SANTIAGO, C. S.	25	11	44,0

Fonte: elaborado pelas autoras com dados da pesquisa (2021).

As análises demonstram que, com exceção dos autores nas 3^o e 5^o posições no *ranking*, os demais apresentam significativos índices de colaboração com outro(s) membro(s) associado(s). Inclusive, para os outros 08 pesquisadores, o índice de colaboração é igual ou superior a 44% do total das produções desenvolvidas por eles. Este resultado leva a compreender que a colaboração possui relação com a produtividade dos pesquisadores. Importante esclarecer, contudo, que a forma de análise aqui proposta não permite inferir que a colaboração seja o único ou o maior fator de influência sobre a produtividade. Contudo, os dados revelam que o grau de cooperação tende a ser fator importante para maior produtividade.

Resultado semelhante foi encontrado nos estudos de Schmidt, Cielo e Sanches (2011), Schmidt (2019), nos quais os pesquisadores com maior índice de coautores foram também os que apresentaram o maior número de publicações. Esse é um dos fatores pelos quais a colaboração científica está sendo tão instigada em diferentes áreas do conhecimento, de modo que tem crescido em frequência e importância (SONNENWALD, 2008.).

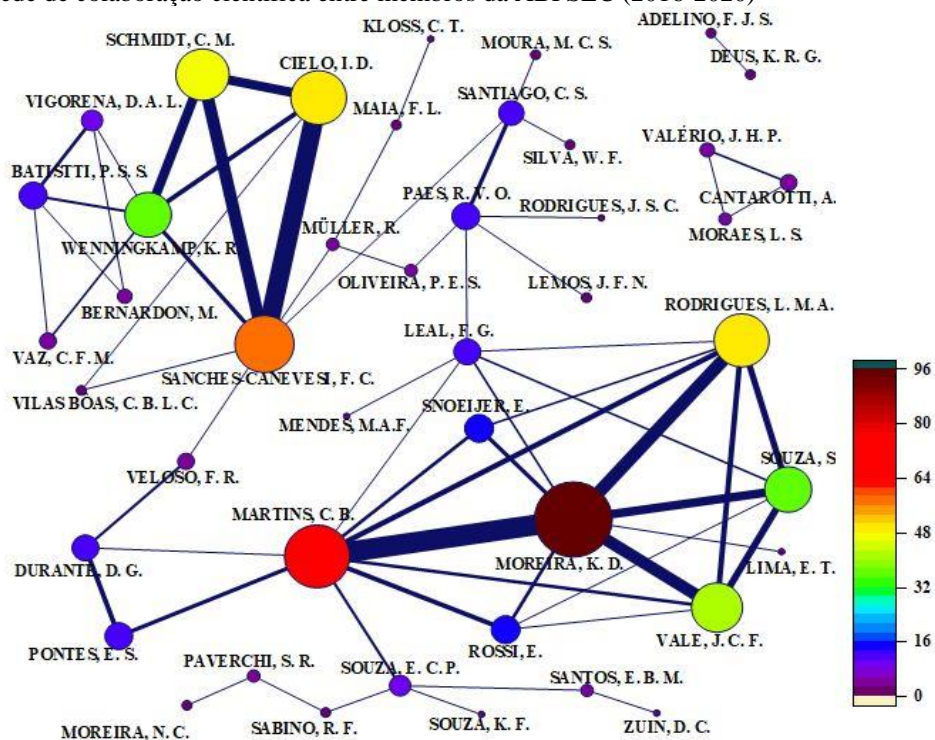
28 A 30 DE OUTUBRO DE 2021

“REDES DE COLABORAÇÃO CIENTÍFICA NO SECRETARIADO: O QUE PODEMOS FAZER PARA A PROFISSÃO DO AMANHÃ?”

A importância dessa colaboração foi igualmente destacada por Vanz e Stumpf (2010), quando afirmam que o desenvolvimento da ciência e de uma comunidade científica depende, em parte, justamente dessa interação entre os atores que a compõem. Ademais, essa prática possui potencial para resolver complexos problemas de ordem científica, além de promover agendas de cunho econômico, social e integração cultural. Deste modo, trata-se de uma estratégia importante a ser motivada, especialmente em áreas nas quais se busca maior consolidação científica, como o Secretariado Executivo.

Na sequência apresentam-se resultados específicos no que tange a concretização dos objetivos do estudo. Para tanto, a partir da construção gráfica de redes de coautorias, desenvolveu-se a rede de colaborações existente entre os pesquisadores do grupo “ABPSEC” (Figura 2).

Figura 2 – Rede de colaboração científica entre membros da ABPSEC (2016-2020)



Fonte: elaborado pelas autoras com dados da pesquisa (2021).

Inicialmente é importante mencionar que constam na rede todos os pesquisadores que tiveram ao menos uma colaboração (produção em coautoria) com outro membro associado, o que totalizou 44 pesquisadores (61% do total de associados). Esse resultado demonstra um alto índice de pesquisadores envolvidos em formato de rede de colaboração, o que representa um resultado significativo para a ABPSEC, que possui como um de seus objetivos a promoção da cooperação entre pesquisadores (ABPSEC, 2015). O intuito aqui não é inferir que todas as colaborações existentes entre esses pesquisadores sejam necessariamente fruto da convivência na associação, mas sim, de que a ABPSEC ao longo dos anos, contribui, direta ou indiretamente para o maior engajamento, diálogo e colaboração científica entre esses membros.

De modo geral, esse alto grau de interação é fundamental, pois para Müller e Strauhs (2018), para que as redes sejam efetivas, deve-se manter relações interativas entre os participantes, de modo que dados, informações, conhecimentos e outros recursos possam ser compartilhados mutuamente. Outra análise diz respeito a densidade da rede. Nesse aspecto,

com exceção da formação de uma díade (dois membros) e uma tríade (três membros), os demais atores formam o que a literatura aponta como “rede densa”, isto é, vários atores ligados uns aos outros. Gnyawali e Madhavan (2001) destacam que as redes densas facilitam o fluxo de informação e recursos e funcionam como sistemas fechados de confiança entre os atores.

Outra propriedade da rede a ser aqui destacada diz respeito a centralidade dos pesquisadores (identificada na rede pelas cores e tamanho das esferas). Quanto maior o tamanho da esfera, maior também o número de colaborações e o grau de centralidade deste ator dentro da rede. Nesse aspecto, os atores que apresentam maior destaque são: MOREIRA, K. D.; MARTINS, C. B.; SANCHES-CANEVESI, F. C.; CIELO, I. D.; RODRIGUES, L. M. e SCHMIDT, C. M. Importante destacar que quanto mais central for o ator na rede, mais importante ele é no contexto coletivo, pois apresenta maior acesso a recursos e informações (SACOMANO NETO; TRUZZI, 2004).

Outro destaque necessário diz respeito as ligações existentes entre os pesquisadores, demonstradas na rede pela espessura das linhas ou dos laços, de modo que quanto mais espesso for o laço, maior a intensidade da ligação existente entre esses atores. Nessa propriedade da rede, destaque ocorre para as seguintes duplas de pesquisadores: MOREIRA, K. e MARTINS, C.; CIELO, I. e SANCHES-CANEVESI, F.; MOREIRA, K. e RODRIGUES, L.; SCHMIDT, C. e SANCHES-CANEVESI, F.; MOREIRA, K. e VALE, J.; CIELO, I. e SCHMIDT, C.; SCHMIDT, C. e WENNINGKAMP, K. Pode-se inferir que estes pesquisadores e outros que também possuem significativas ligações, estabeleceram ao longo do tempo, confiança para o trabalho colaborativo, que de acordo com Axelrod (2010) é um dos pilares da cooperação e aspecto basilar à continuidade da relação e da colaboração mútua entre os agentes. O autor acrescenta que a confiança está vinculada a aspectos como solidariedade, complementariedade e interesse na preservação das relações para o futuro, propiciando o intercâmbio de relações mais duráveis e mais frequentes.

A confiança decorre da escolha do parceiro, isto é, a identidade dos parceiros é importante (HILÁRIO; GRÁCIO, 2018). Para Ménard (2004), fundamental promover cooperação com membros que gerem recursos complementares ou até efeitos multiplicadores do trabalho desenvolvido. O autor também reforça a importância de criar-se relacionamentos de longo prazo e que isso requer cooperação e coordenação: os parceiros devem aceitar perder parte da autonomia que eles teriam individualmente em troca dos benefícios possíveis por meio da complementariedade. Nessa seara, também Axelrod (2010) destaca a importância da reputação dos agentes para a qualidade e durabilidade da relação, alertando que compreender as expectativas, a trajetória e as intenções dos parceiros nas redes de cooperação é uma forma assertiva de tornar as relações mais duráveis e mais frequentes.

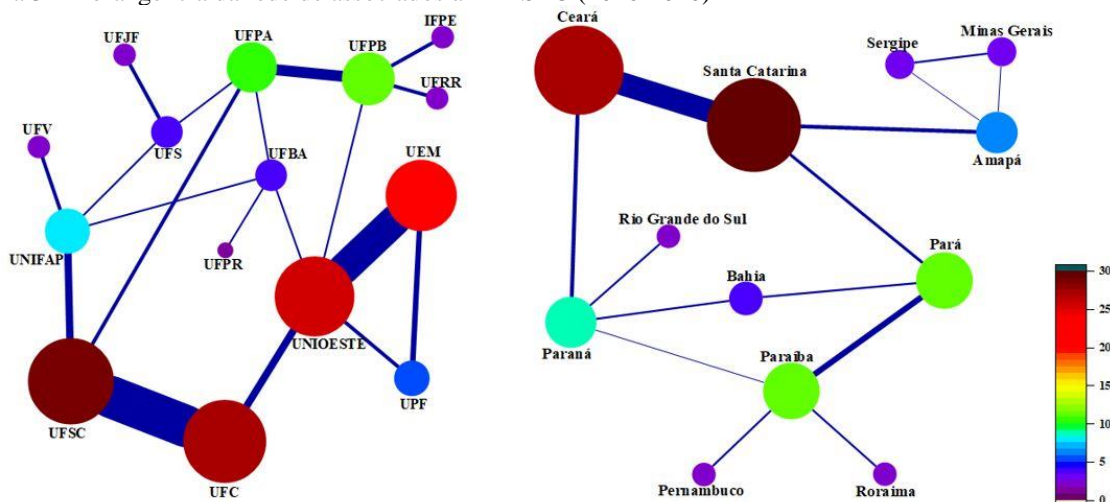
Contudo, um elemento relativo à escolha dos parceiros merece um repensar dentro do grupo investigado. As relações colaborativas da rede são, em sua maioria, formadas por pesquisadores de uma mesma instituição, o que é apontado por Granovetter (1973) como laços fortes. Embora estes sejam também importantes, o autor apresenta justamente a importância da formação de laços fracos, os quais extrapolam essas relações mais próximas e trazem mais possibilidade de inovação e complementariedade na relação.

Neste sentido, a partir da Figura 3 apresenta-se a abrangência da rede de colaboração criada pelos membros da ABPSEC, tanto em termos de instituições de ensino (IES) envolvidas, como de espaço geográfico.

28 A 30 DE OUTUBRO DE 2021

“REDES DE COLABORAÇÃO CIENTÍFICA NO SECRETARIADO: O QUE PODEMOS FAZER PARA A PROFISSÃO DO AMANHÃ?”

Figura 3 – Abrangência da rede de associados à ABPSEC (2016-2020)



Fonte: elaborado pelas autoras com dados da pesquisa (2021).

Aqui algumas considerações se fazem importantes. A primeira diz respeito a importância da formação de laços fracos (GRANOVETTER, 1973) entre pesquisadores. Este tipo de laço é representado neste estudo pelas ligações de colaboração existentes por pesquisadores de diferentes IES. Assim, conforme demonstrado na rede (Figura 3), ao total 15 instituições compõem essa rede de laços fracos. Para Granovetter (1973), os laços fracos são muito importantes visto que proporcionam uma espécie de ponte, de modo que a informação circula melhor quando se recorre a estes laços. Além disso, o autor destacou os impactos científicos, afirmando que em laços fracos, novas ideias vão se espalhar mais rápido, promovendo a propagação de ideias e a possibilidade de difusão de inovações.

Outra análise diz respeito ao grau de centralidade. Nesse sentido, devido ao alto grau de colaboração gerado, destaque ocorre para as seguintes IES, respectivamente: UFSC, UFC, UNIOESTE e UEM. Outro destaque necessário diz respeito as ligações existentes entre as IES, demonstradas na rede pela espessura dos laços. Nessa propriedade, destaque ocorre para as relações de colaboração científicas existentes entre a UFSC e a UFC, bem como, entre a UNIOESTE e a UEM. Os achados conduzem ao entendimento de que estas instituições ocupam posições de liderança científica coletiva, desenvolvendo aspectos como: agregar, motivar e fortalecer o coletivo; intermediar negociações; atuar como agente de persuasão, inspirar a confiança dos membros; organizar o grupo e criar interdependência (WENNINGKAMP; SCHMIDT, 2021).

Por fim, foi possível verificar a abrangência geográfica da rede formada pelos pesquisadores (Figura 3), a partir da apresentação gráfica dos estados entre os quais ocorrem colaborações científicas. Ao total, 12 estados, localizados nas regiões Nordeste, Norte, Sudeste e Sul participam da rede. Destaque em termos de centralidade ocorrem para os estados do Ceará e Santa Catarina, nos quais ocorre um número significativo de colaborações.

Considerando que a dinâmica da cooperação não apresenta limites e fronteiras claramente definidas, podendo estar em toda parte (THOMPSON, 2003), seria importante que os pesquisadores busquem aumentar seu potencial de interação com laços fracos, de modo a atingir um leque maior de espaços geográficos, tanto dentro do estado brasileiro, como inclusive, no exterior. Isto, pois a organização no sistema colaborativo transcende os limites do departamento, da instituição e até de um país e abrange cientistas de todos os lugares do mundo (VANZ; STUMPF, 2010).

O aspecto da internacionalização realmente merece atenção, pois no escopo deste estudo nenhum laço com pesquisador internacional foi encontrado. A importância da cooperação internacional já havia sido enfatizada por Sanches *et al.* (2016). Neste sentido, oportunidades para início de diálogos de novas colaborações podem ser oportunizadas em congressos, reuniões e intercâmbios, momentos em que pesquisadores trocam ideias e *preprints* e discutem projetos de pesquisa (VANZ; STUMPF, 2010), além dos colégios invisíveis (SONNENWALD, 2008).

Pelo exposto, entende-se que todos os elementos apresentados neste capítulo demonstram o comportamento e as características da rede de colaboração científica existente entre os pesquisadores associados à ABPSEC, apresentando seus processos de organização, desenvolvimento e influência dentro da comunidade científica de Secretariado Executivo no Brasil.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho colaborativo vem se apresentando, em diversas áreas do conhecimento, como uma estratégia utilizada pelos atores do contexto acadêmico-científico, para atender às pressões e exigências do mundo acadêmico em relação às métricas de produções bibliográficas. Essas medidas de produtividade compõem os índices que creditam ranqueamentos às mais diversas áreas. Por isso, no Secretariado Executivo, estudos dessa natureza, igualmente, vem ganhando espaço e visibilidade, sendo entendidas como prioridade na agenda científica do campo secretarial.

Tal afirmação pode ser consubstanciada nos achados do presente estudo, os quais demonstram que na área de Secretariado Executivo, especificamente entre os membros da ABPSEC, a cooperação científica se faz presente. A análise dos dados sobre a rede formada entre os pesquisadores torna claro que o modelo de construção da cientificidade da área está em transformação, passando de ações individuais e isoladas para um trabalho coletivo e, porque não dizer, mais sólido. Constatou-se que 61% do total de associados publicou com coautoria no período analisado (2016-2020), gerando um montante de 174 trabalhos colaborativos entre os membros da ABPSEC, publicados em diversos periódicos e eventos nacionais e internacionais. Essa dinâmica coletiva englobou pesquisadores de 15 diferentes instituições, localizadas em 12 estados brasileiros. Considerando que no início da década de 2010 a produção científica na área secretarial era demasiadamente incipiente, esses dados são relevantes e apontam para uma mudança de paradigma e ajuste às demandas do atual mundo acadêmico.

Os achados na pesquisa em relação ao quantitativo de colaborações científicas estabelecidas, aliados ao perfil dos pesquisadores analisados, em sua grande maioria mestres e doutores, induzem a reflexões de que essa nova configuração da pesquisa pode impactar positivamente na qualidade das publicações científicas da área e, por consequência, melhorar o *status* científico da área. Isto é, as redes de pesquisa formadas no Secretariado Executivo podem impactar positivamente na qualidade dos estudos, na resolução de problemas, na visibilidade dos pesquisadores, grupos e área, inclusive na profissionalização e institucionalização da ciência na área, entre outros benefícios.

Outro aspecto que merece reflexão diz respeito as características da rede e ao comportamento dos pesquisadores colaborativos. Há que se destacar que as colaborações foram capitaneadas por um núcleo de pesquisadores e instituições, que apresentam significativa liderança científica coletiva. Além disso, as relações colaborativas são, em sua maioria, formadas por pesquisadores de uma mesma instituição (laços fortes), o que demonstra que a proximidade geográfica e as relações sociais, de confiança e de amizade existentes entre os

membros se apresentam como condutores para a formação de redes na área. Embora os laços fortes sejam muito importantes, a literatura aponta para a importância da formação de laços que extrapolem essas relações mais próximas, chamados de fracos. Nesse sentido, os resultados assinalam também uma quantidade significativa de laços estabelecidos entre pesquisadores de instituições distintas e, inclusive, de regiões geográficas distintas do país, o que, acredita-se tenha sido potencializado pelos avanços tecnológicos e de plataformas digitais que propiciam tal interação, bem como, da maior quantidade de eventos e encontros em âmbito regional e nacional nos últimos anos. Essa configuração entre laços fracos denota, igualmente, para avanços na área e superação de barreiras culturais e comportamentais entre os membros da ABPSEC. Do mesmo modo, aponta para a existência de objetivos mútuos e claramente definidos, além do aumento da confiança entre os membros da associação.

Por fim, uma última reflexão induz afirmar que as redes de colaboração estabelecidas no âmbito da pesquisa em secretariado, quer sejam estabelecidas por necessidades ou oportunidades, com laços fracos ou fortes, com maior ou menor intensidade ou centralidade, possuem como objetivo a busca de melhores proposições para produzir, ampliar ou ratificar conhecimentos na área. Visto dessa maneira, conectar parceiros de investigação através das redes de pesquisa na área secretarial parece ser uma opção assertiva para a fruição da troca de experiências, saberes, oportunidades de produção de conhecimento, materializando-se em publicações que multiplicam autorias, e por consequência, transcendem o grupo, pois possibilitam melhorias significativas para a área, inclusive frente a órgãos de fomento e sociedade como um todo.

Quanto às limitações, salienta-se que foram considerados neste estudo, apenas dois veículos de publicação (periódicos e trabalhos completos de eventos). Apesar destes representarem os estudos de maior representatividade científica, outros produtos, a exemplo de projetos de pesquisa, livros e orientações não foram aqui contabilizados. Igualmente, para fins de análise da rede aqui desenhada foram analisados somente os estudos em que houvesse ao menos uma colaboração (produção em coautoria) com outro membro associado à ABPSEC. Estes elementos abrem espaço para agenda de pesquisas futuras. Assim, recomendam-se novas explorações em outros veículos de publicação, bem como em toda a produção dos pesquisadores. Isto possibilitará compreender nuances do comportamento colaborativo, uma vez que elementos aqui inexplorados, a exemplo da colaboração realizada com alunos, da colaboração com outras áreas do saber, bem como, com outras instituições e limites geográficos podem ser também identificados.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. K. S.; NASCIMENTO, E. P. **O conhecimento científico em Secretariado: reflexões sobre a produção acadêmica da área secretarial.** João Pessoa: Ideia, 2017.

AXELROD, R. **A evolução da cooperação.** São Paulo: Leopardo Editora, 2010.

CARVALHO, D. C. M.; SILVA, L. L. Os grupos de pesquisa institucionalizados em Secretariado Executivo e sua contribuição para o fomento do conhecimento secretarial. **Revista de Gestão e Secretariado – GESEC**, São Paulo, v. 8, n. 3, p. 28-52, set./dez. 2017.

CRUZ, R. W. R.; CORREIA, A. E. G. C. Cartografia do Secretariado Executivo no Brasil: estrutura e produção científica no processo de institucionalização. **Revista Expectativa**, v. 20, n. 2, p. 135-163, abr/jun., 2021.

DIAS, A. H.; SCHMIDT, C. M.; SANCHES, F. C.; CIELO, I. D. Contribuições dos Grupos de Pesquisa em Secretariado da Região Sul do Brasil: uma análise a partir da percepção dos líderes. *In: Encontro Nacional de Estudantes de Secretariado, 10., 2018, Recife/PE. Anais [...]. Recife: UFPE, 2018.*

DORNER, S. H.; WISSMANN, M. A.; SILVEIRA, T. M. S.; SCHMIDT, C. M. Cooperação científica da Pós-graduação em Desenvolvimento Regional e Agronegócio da Unioeste. **Capital Científico**, v. 14, p. 76-92, 2016.

GNYAWALI, D.; MADHAVAN, R. Cooperative networks and competitive dynamics: a structural embeddedness perspective. **Academy of Management Review**, Ohio, v.26, n.3, p. 431-445, 2001.

GRANOVETTER, M. The strength of the weak ties. **American Journal of Sociology**, v.78, n.6, p.1360-1380, 1973.

HILÁRIO, C. M.; GRÁCIO, M. C. C. A contribuição de Robert Merton e Thomas Kuhn para a visão auto-organizada da colaboração científica: um estudo metateórico. **Informação & Informação**, n. 3, v. 23, p. 17-37, 2018.

HILÁRIO, C. M.; TOGNOLI, N. B.; GRÁCIO, M. C. C. A colaboração científica na perspectiva dos sistemas auto-organizados: um estudo metateórico. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 26, n. 1, 2016.

KATZ, J. S.; MARTIN, B. R. What is research collaboration? **Research Policy**, Amsterdam, n. 26, p. 1-18, 1997.

KUMAR, S. Co-authorship networks: a review of the literature. **Aslib Journal of Information Management**, Bingley, v. 67, n. 1, p. 55-73, 2015.

LIMA, R., VELHO, L. M.; FARIA, L. Indicação bibliométrica de cooperação internacional. **Perspectivas da Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, p. 50-64, 2007.

MAÇANEIRO, M. B. Antecedentes, Consequências e Desafios da Cientificidade da Área de Secretariado Executivo. **Revista Expectativa**, v. 10, p. 9-26, 2011.

MARICATO, J. M.; NORONHA, D. P. Indicadores bibliométricos e cientométricos em CT&I: apontamentos históricos, metodológicos e tendências de aplicação. *In: HAYASHI, M. C. P. I.; LETA, J. (Org.). Bibliometria e Cientometria: reflexões teóricas e interfaces. São Carlos: Pedro & João, 2012, v. 1, p. 21-41.*

MARTINS, C. B.; LEAL, F. G.; SOUZA, E. C. P.; TODOROV, M. C. A. A busca da cientificidade do secretariado no contexto brasileiro: aspectos históricos e contemporâneos. **Revista Gestão em Análise – REGEA**, Fortaleza, v. 6, n. 1/2, p. 270-286, jan./dez. 2017.

MARTINS, D. L.; FERREIRA, S. S. P. Análise dinâmica de redes sociais de coautoria: um estudo de caso a partir de múltiplos indicadores na área da ciências da comunicação. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA DA ANCIB – ENANCIB, XIV, 2013 Florianópolis, 2013. Anais [...]. Florianópolis: ANCIB, 2013.*

28 A 30 DE OUTUBRO DE 2021

“REDES DE COLABORAÇÃO CIENTÍFICA NO SECRETARIADO: O QUE PODEMOS FAZER PARA A PROFISSÃO DO AMANHÃ?”

MELLO, C. M.; CRUBELLATE, J. M.; ROSSONI, L. Dinâmica de relacionamento e prováveis respostas estratégicas de programas brasileiros de pós-graduação em administração à avaliação da Capes: proposições institucionais a partir da análise de redes de co-autorias.

RAC. Revista de Administração Contemporânea, v. 14, p. 434-457, 2010.

MÉNARD, C. The economics of hybrid Organizations. **Journal of Institutional and Theoretical Economics**. v. 160, n. 3, p. 345-376, 2004.

MÜLLER, R.; STRAUHS, F. R. Contribuições Teóricas sobre o Estudo de Redes de Conhecimento Interorganizacionais. **Connection Scientific Journal**, v. 1, p. 59-77, 2018.

MÜLLER, R.; STRAUHS, F. R. Os grupos de pesquisa, suas redes de conhecimento e a interação universidade-empresa no cenário brasileiro. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 15, p. 107-121, 2019.

OLSON, M. **A lógica da ação coletiva**: os benefícios públicos e uma teoria dos grupos sociais. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

OSTROM, E. Collective Action and Local Development Processes. **Sociologica**. Bologna, 2007.

PRICE, J. D. S. **Little science, big science**. New York: Columbia University Press, 1963.

ROSSONI, L. **A dinâmica de relações no campo da pesquisa em organizações e estratégia no Brasil: uma análise institucional**. 2006. Dissertação (Mestrado em Administração) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

SACHS, I. **Inclusão social pelo trabalho**: desenvolvimento humano, trabalho decente e futuro dos empreendedores de pequeno porte. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

SACOMANO NETO, M.; TRUZZI, O. M. S. Configurações estruturais e relacionais da rede de fornecedores: uma resenha compreensiva. **Revista de Administração**, São Paulo, v.39, n.3, p.255-263, jul./ago./set. 2004.

SAES, M. **Estratégias de diferenciação e apropriação da quase-renda na agricultura**. São Paulo: Annablume, 2009.

SANCHES, F. C.; SCHMIDT, C. M.; CIELO, I. D.; WENNINGKAMP, K. R. Cooperação Científica Internacional dos Grupos de Pesquisa em Secretariado Executivo do Brasil. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 7, p. 21-46, 2016.

SANTOS, R. N. M.; KOBASHI, N. Y. Aspectos metodológicos da produção de indicadores em Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (CINFORM): INFORMAÇÃO, CONHECIMENTO E SOCIEDADE DIGITAL, 6., 2005. **Anais [...]** Salvador: UFBA.

SCHMIDT, C. M. A cooperação científica dos membros de um grupo de pesquisa em secretariado à luz da teoria de redes. **Revista Expectativa**, v. 18, p. 170-195, 2019.

28 A 30 DE OUTUBRO DE 2021

“REDES DE COLABORAÇÃO CIENTÍFICA NO SECRETARIADO: O QUE PODEMOS FAZER PARA A PROFISSÃO DO AMANHÃ?”

SCHMIDT, C. M.; ARENHARDT, D. C. A rede científica formada pelos pesquisadores da Associação Brasileira de Pesquisa em Secretariado. *In: ENCONTRO NACIONAL ACADÊMICO DE SECRETARIADO EXECUTIVO - ENASEC*, V, 2017, São Paulo/SP. **Anais [...]**. São Paulo/SP: Universidade São Judas Tadeu, 2017.

SCHMIDT, C. M.; CIELO, I. D.; SANCHES, F. C. Mapeamento de redes: um estudo sobre as relações entre universidades e docentes em cursos de Secretariado Executivo. *In: DURANTE, D. G. (Org.). Pesquisa em Secretariado: Cenários, perspectivas e desafios*. 01ed. Passo Fundo: UPF Editora, 2012, v. 01, p. 149-172.

SCHMIDT, C. M.; CIELO, I. D.; SANCHES, F. C. Redes de cooperação entre pesquisadores: um estudo nos cursos de Secretariado Executivo. **Revista Capital Científico**, v. 9, p. 01-15, 2011.

SCHMIDT, C. M.; WENNINGKAMP, K. R.; CIELO, I. D.; SANCHES, F. C. Produção Científica do Grupo de Pesquisa em Secretariado Executivo Bilíngue Rumo ao Stricto Sensu: mutatis mutandis. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 9, p. 18-41, 2018.

SEBASTIÁN, J. Analisis de las redes de investigacion de America Latina conla Union Europea. **Recitec**, Recife, v. 3, n. 2, p. 308-321, 1999.

SILVA, A. B. O.; MATHEUS, R. F.; PARREIRAS, F. S.; PARREIRAS, T. A. S. Estudo da rede de co-autoria e da interdisciplinaridade na produção científica com base nos métodos de análise de redes sociais: avaliação do caso do Programa de pós-graduação em Ciência da Informação - PPGCI/UFMG. **Encontros Bibli, Florianópolis**, v. esp., p.179-194, 2006.

SONNENWALD, D. H. Scientific Collaboration. **Annual Review of Information Science and Technology**, New York, v. 42, n. 1, p. 643-681, 2008.

THOMPSON, G. F. **Between Hierarchies and Markets: the Logic and Limits of Network Forms of Organization**. New York: Oxford, 2003.

URBIZAGASTEGUI, R. A. A lei de Lotka na bibliometria brasileira. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 2, 2002.

VANZ, S. A. S.; STUMP, I. R. C. Colaboração científica: revisão teórico-conceitual. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 15, n. 2, p. 42-55, maio/ago. 2010.

WAGNER, C. S.; LEYDESDORFF, L. Network structure, self-organization, and the growth of international collaboration in science. **Research Policy, Amsterdam**, v. 34, p. 1608-1618, 2005.

WENNINGKAMP, K. R.; SCHMIDT, C. M. Liderança em ações coletivas: um ensaio teórico. **Revista Brasileira de Gestão e Inovação**, v. 8, p. 109-137, 2021